



A ÉTICA NA FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA *

José Augusto Chaves Guimarães **

Introdução

Partindo-se da definição de ética como o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana suscetível de qualificação do bem e do mal, seja relativamente a uma sociedade, seja de modo absoluto (FERREIRA, s.d., p.591), observa-se que a questão da ética, no âmbito mais cotidiano, encontra-se ligada ao ideal de "bem fazer" e de "bem agir".

Quando se traz essa questão para a esfera educacional, no entanto, necessário se torna, a priori, enfocar as duas maneiras pela qual se dá o processo de formação do profissional bibliotecário: a formal e a informal.

No âmbito formal, a educação bibliotecária se dá, em nosso país, por meio do ensino de graduação e de pós-graduação (lato e stricto sensu), pautada em um tripé de elementos indissociáveis e interagentes: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Em assim sendo, para que se possa falar em ética na formação do bibliotecário, necessário se torna abordá-la no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão em Biblioteconomia, aspectos que serão objeto das reflexões a seguir.

I. A ética nas atividades de ensino em Biblioteconomia

O processo ensino/aprendizagem caracteriza-se por uma interação onde necessariamente atuam dois sujeitos: o elemento docente e o elemento discente.

Na área de Biblioteconomia, a questão do docente já há algum tempo tem sido objeto de preocupação e de estudo. Para tanto, eventos como os Encontros Nacionais de Ensino de Biblioteconomia (promovidos trienalmente pela ABEBD desde 1986) e alguns Encontros Regionais de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação (promovidos por Grupos Regionais de Escolas de Biblioteconomia) têm dedicado especial atenção às características e ao papel a ser desempenhado por esse docente, procurando traçar seu perfil.

(*) Palestra de abertura do IV Encontro de Escolas de Biblioteconomia da Região Sul, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em junho de 1995.

(**) Professor Assistente Doutor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Estadual Paulista - UNESP (Marília - S.P. - BRASIL)

E-Mail: UMEAR@EU.ANSP.BR. Fax: 55-14-4224797

Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) no período 1991-1995



Uma questão, no entanto, merece especial destaque: a formação desse docente. Durante décadas, pautado por uma influência tecnicista norte-americana, aliado ao fato de a legislação brasileira prever o oferecimento dos cursos de Biblioteconomia apenas na modalidade de Bacharelado, observou-se que o ensino assumia o aspecto mais de transmissão de técnicas, muito mais próximo do treinamento, do que efetivamente de um processo de formação de um profissional-cidadão.

Nos últimos tempos, tem-se discutido mais amiúde a necessidade de o docente de Biblioteconomia assumir efetivamente seu papel de EDUCADOR, elemento formador de novos profissionais, de novas idéias, visando à transformação e à melhoria das condições sociais por meio de um desempenho profissional consciente. Para tanto, fundamental importância adquire a questão da capacitação docente, entendida seja no aspecto material (aprofundamento de estudos em áreas específicas, por meio dos cursos de pós-graduação e da atividade de pesquisa), seja sob o aspecto formal (ligada à capacitação pedagógica, com ênfase à Didática).

Nesse processo, desnecessário é frisar a importância dos cursos de pós-graduação "stricto sensu" como principais e mais efetivos instrumentos de capacitação docente em Biblioteconomia.

Embora criados na década de 70 com a dupla missão de formar o docente e o pesquisador na área, observa-se que os mesmos, no decorrer dessas quase três décadas, têm dado muito maior ênfase à sua função de espaço formador de pesquisadores - o que, diga-se de passagem, vem sendo desenvolvido com muito afinho e competência - do que ao seu papel formador do docente de graduação na área - o que necessitaria ser objeto maior atenção dos cursos, seja no sentido de incluírem a formação pedagógica em seus programas de pós-graduação, seja no sentido de encararem o docente de graduação como um dos mais importantes - para não dizer o principal - segmentos de sua clientela.

Ainda no âmbito do ensino, é fundamental que se dedique especial atenção ao educando, desde o delineamento de seu perfil, passando pelo planejamento de atividades curriculares e extra-curriculares que possam enriquecer o seu processo de formação enquanto profissional e enquanto cidadão, e indo até o acompanhamento do egresso, por meio de programas de educação continuada.

Especial ênfase merece a questão da formação do cidadão, pois é impossível pensar-se em um profissional atuante e eficiente em seu mister sem que se contemple o seu papel político, enquanto elemento de transformação - e de interação - em um contexto social, envidando esforços para o bem-estar da coletividade em que se insere.

No tocante ao perfil dos discentes de Biblioteconomia, alguns estudos têm sido realizados nos últimos anos, visando a identificar especificidades das clientelas dos diferentes cursos brasileiros. Tal aspecto adquire fundamental importância no âmbito do estabelecimento de políticas educacionais dos diferentes cursos - aspecto esse que se deve se consubstanciar nos projetos pedagógicos dos cursos - de modo a que o delineamento e a operacionalização



dos diferentes currículos plenos dos cursos (e ressaltar aqui que tais currículos devem necessariamente ser diferentes, seja pelo contexto sócio-econômico de sua clientela, seja pelas áreas de excelência de seus docentes, seja ainda pelo tipo de profissional que almejam formar) se faça em consonância com a ambiência.

No tocante às atividades curriculares e extra-curriculares dos cursos, imprescindível é que sejam encaradas como meios para a operacionalização dos objetivos do curso, previamente estabelecidos no projeto pedagógico, em virtude do tipo de profissional almejado. Tal alerta se faz necessário de modo a evitar que as estruturas curriculares sejam encaradas como meros "varais" onde penduram-se indistintamente conjuntos de disciplinas, sem que se discuta - e que se deixe claro ao aluno - a sua pertinência e inter-relação para que se atinjam os objetivos almejados.

No âmbito das atividades a serem desenvolvidas com os alunos, é mister refletir sobre a coerência desse conjunto. Dessa forma, as atividades desenvolvidas em sala de aula tem como pressuposto básico trazer à baila questões fundamentais no âmbito dos diferentes conteúdos, as quais serão enriquecidas por um conjunto de atividades complementares e coerentemente interdependentes tais como visitas, oficinas, estágios, palestras, seminários e outras.

Duas atividades merecem especial ênfase quando se fala nesse acompanhamento: as ligadas à tutoria e as atividades de pesquisa propriamente ditas (que serão objeto de consideração no tópico a seguir).

Como atividade de tutoria, merece destaque o PET (Programa Especial de Treinamento) da CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior), que, por meio de diversificadas atividades, visa ao aprimoramento do ensino de graduação, permitindo ao aluno um ampliar de horizontes bem como a sua sensibilização para uma futura vida acadêmica no âmbito de ensino ou de pesquisa. Para tanto, o aluno tem a oportunidade de, sob a orientação de um professor-tutor, realizar leituras de temas atualizados na área, participar de seminários (seja apresentando, seja debatendo um tema), realizar pesquisas, desenvolver serviços junto à comunidade, participar de atividades de planejamento pedagógico do curso, auxiliar os demais colegas, organizar eventos, etc. Atualmente, existem apenas dois grupos PET na área de Biblioteconomia: o da Universidade Federal do Maranhão (São Luiz-MA) e o da Universidade Estadual Paulista (Marília-SP)

2. A ética nas atividades de pesquisa em Biblioteconomia

A questão da pesquisa nos cursos de Biblioteconomia vem adquirindo (felizmente) a cada dia que passa, um papel de maior relevo.



Primeiramente é importante refletir o papel fundamental que desempenham as atividades de pesquisa para a formação e a sedimentação do conhecimento. Assim, a pesquisa na graduação passa a se constituir em elemento para a qualidade, uma vez que o aluno, da condição de receptor de ensinamentos, passa a ter a oportunidade de investigar novas alternativas, questionar aspectos, aprofundar-se em teorias, etc. Alie-se ainda o papel da pesquisa como elemento de criação no âmbito dos cursos.

Nesse âmbito, merecem especial destaque as atividades de Iniciação Científica, nas quais o aluno desenvolve uma de pesquisa sob a orientação de um professor com titulação mínima de mestre (no caso do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) ou de doutor (no caso da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), recebendo ainda uma bolsa para tal.

Tais pesquisas podem ser desenvolvidas no âmbito de um tema individual ou ainda integradas a um projeto maior do orientador, em função de sua linha de pesquisa.

O curso de Biblioteconomia da UNESP-Marília, por exemplo tem vivenciado, nos últimos 10 anos, experiências nesse sentido, contado hoje com 11 bolsistas de Iniciação Científica do CNPq, que desenvolvem projetos individuais ou integrados a projetos maiores de seus docentes. Tais pesquisas têm gerado, anualmente, a realização de Congressos de Iniciação Científica, onde os alunos expõem sobre o andamento e/ou os resultados de suas pesquisas para platéias de docentes, discentes e profissionais.

Experiências dessa ordem permitem que o aluno vivenciando uma atividade de investigação e possa assumir uma postura acadêmica perante sua futura profissão, saindo dos estreitos limites do "como fazer" indo até o "porque, para que e para quem fazer".

Outras atividade que merece destaque no âmbito da pesquisa nos cursos de graduação em Biblioteconomia, são os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), experiência presente em muitos de nossos cursos.

Nesse âmbito, o aluno dá os primeiros passos em uma atividade formal de pesquisa, na medida em que, escolhido um tema, desenvolve-o sob os auspícios de um orientador. Tal trabalho consubstancia-se em uma monografia que, em alguns cursos, é defendida perante uma banca de professores e/ou profissionais da área. A experiência tem mostrado que o TCC constitui-se em elemento para a qualidade da graduação, uma vez que permite ao aluno aprofundar-se em uma área específica de seu maior interesse, visualizando novas perspectivas. Alie-se a isso o aspecto científico da questão, preparando o aluno e futuro profissional para os estudos pós-graduados.



Como se observa, as atividades de pesquisa no âmbito da graduação configuram-se diversificadas e altamente proveitosas para os cursos. No entanto, é importante ressaltar que tais atividades devem ser o reflexo de uma política educacional pré-estabelecida, onde os docentes estejam efetivamente engajados na pesquisa. Para tanto, duas questões da maior importância devem ser consideradas no âmbito dos cursos de graduação em Biblioteconomia: o estabelecimento de linhas de pesquisa claramente definidas, nas quais os estejam engajados grupos de docentes e uma ação efetiva no sentido de garantir a capacitação docente, por meio de cursos de pós-graduação "stricto sensu" (mestrados e doutorados).

3. A ética nas atividades de extensão em Biblioteconomia

A realidade universitária tem mostrado que a extensão, ainda em nossos dias, constitui-se em uma grande "melting pot" onde são inseridas todas aquelas atividades que tradicionalmente não têm lugar no âmbito do ensino ou da pesquisa.

No entanto, pode-se dizer que pertencem à extensão todo o conjunto de atividades promovidas pela universidade em prol da comunidade em geral, tais como: congressos, simpósios, seminários, palestras, workshops, estágios, assessoramentos, publicações de divulgação, etc.

Talvez como reflexo dessa própria indefinição conceitual quanto às atividades de extensão, observa-se que as mesmas não têm sido objeto de tanto prestígio por parte das universidades quanto o ensino e a pesquisa.

É importante ressaltar que se existe uma área de atuação da universidade que garante a sua contextualização, que permite a democratização do saber e que (principalmente no âmbito das universidades públicas) propicia um retorno social diversificado dos investimentos públicos feitos na universidade, tal área é a da extensão universitária. Assim, se o ensino faz a ponte entre a universidade e a atuação profissional, se a pesquisa faz a ponte entre a universidade e a geração de conhecimento, a extensão faz a ponte entre universidade e sociedade.

Essa ponte, no entanto, deve ser objeto de cuidados, para que não se caia em extremos perigosos.

Por um lado, é necessária muita lucidez para que a universidade não dirija toda sua atuação na dependência estrita das necessidades específicas da comunidade (pois, ao lado da comunidade, a universidade tem um compromisso com a formação de um profissional e com a geração de conhecimento). Tal postura, em situações extremas, gera o que tradicionalmente se denomina assistencialismo, onde a universidade desloca seu papel para o de um mero prestador de serviços, fazendo as vezes de órgãos do poder público ou da própria iniciativa privada que deveriam cumprir tal função.

No âmbito da Biblioteconomia, tal fato pode ser observado com relação aos estágios. Não raras vezes, os cursos de Biblioteconomia são procurados por diferentes instituições em busca de estagiários.



Nesse momento, importante é observar o tipo de atividade a ser desenvolvida pelo estagiário e em que medida a mesma complementará sua formação, de modo a impedir que o estagiário seja utilizado como mão-de-obra barata, em atividades puramente mecânicas e rotineiras, sem qualquer proveito pedagógico. Importante, ainda, é verificar até que ponto o estágio não está a mascarar uma inércia das instituições em contratarem um profissional para desenvolver tal atividade.

Em um outro extremo, tem-se a situação da universidade que, virando as costas para a comunidade, passa a oferecer apenas os serviços que supostamente acha importante, sem levar em conta as necessidades, o contexto social em que se insere, em uma postura de alienação.

Assim, a extensão, como o próprio nome já diz, deve constituir-se em um "estender-se" da universidade para e em direção à comunidade, propiciando uma salutar troca de experiências e de conhecimentos.

Duas atividades de extensão devem, a meu ver, ser objeto de especial atenção no âmbito dos cursos de Biblioteconomia brasileiros.

A primeira se refere às iniciativas quanto à educação continuada, onde a universidade, por meio de eventos, cursos de atualização e muitas outras atividades, propicia uma atualização de seus egressos (e é importante frisar que o compromisso dos cursos com os discentes não se encerra quando os mesmos passam a ser profissionais mas, sim, adquire novas e mais amplas dimensões) e da comunidade em geral.

A segunda diz respeito às atividades de divulgação profissional, levadas a cabo pelos cursos no sentido de informar a comunidade sobre a profissão bibliotecária: sua função, o modo de formação do profissional, as perspectivas profissionais, etc, pois são iniciativas dessa natureza que, mais do que nunca, garantirão, internamente, maior conscientização do nosso profissional e, no âmbito da sociedade, levarão maior informação sobre a profissão, propiciando uma maior valorização da mesma.

Conclusão

Neste momento em que se delineia um novo profissional (objeto inclusive, de estudo pela FID, por meio do grupo MIP - Modern Information Professional), cada vez mais se questiona o papel do ensino de Biblioteconomia visando à formação adequada a uma realidade de vésperas de século XXI.

E às escolas fica a questão: como fazê-lo de modo ético e eficaz?



Voltando-se à concepção de ética como algo ligado ao “bem fazer” e ao “bem agir”, estou convicto que tal objetivo dos cursos estará sendo cumprido na medida em que os mesmos se conscientizem que:

a) a formação do profissional deve ocorrer de forma integrada - e integradora - onde atividades de ensino, pesquisa e extensão concorrerão para que sejam atingidos os objetivos educacionais previamente definidos;

b) é muito difícil que haja uma formação de boa qualidade se os cursos não enviares esforços para o delineamento de projetos político-pedagógicos claros, objetivos e coerentes com um tipo de profissional almejado;

c) a capacitação docente constitui-se em condição “sine qua non” para que a pesquisa passe a ser efetivamente uma realidade na graduação, concorrendo para a qualidade do ensino;

d) o docente em Biblioteconomia é, antes de mais nada, um EDUCADOR e, como tal deve, superado o momento histórico do bacharel que treinava o aluno no uso de técnicas, assumir seu compromisso com o educando visando à formação de um profissional crítico, engajado no contexto social e com o “background” necessário para transformar.

Last but not least, mormente em um momento em que se criticam os cursos de Biblioteconomia por “não formarem um profissional adequado à realidade do mercado”, é importante ressaltar que o ensino deve transcender aos estreitos e contingenciais limites do mercado, valendo-se dele, sim, como um dos (grife-se) subsídios para a formação do futuro profissional mas sempre indo além, no sentido de, mais do que formar um profissional devidamente aparelhado com as técnicas que esse mercado exige (e que talvez o mercado de amanhã possa não mais exigir-las), propiciar a formação de um profissional cidadão de espírito inovador, crítico e reflexivo, sensível às mudanças científicas e tecnológicas, preocupado com a investigação constante e fazendo de sua atividade profissional o cartão de visitas para a valorização de sua classe.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 14.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, s.d.